

Redacção e Administração  
P. de Ferreira d'Almeida, 14  
F A R O

Proprietário:  
ALVARO DE LEMOS  
(Herdeiros)

Composição e Impressão  
TIPOGRAFIA «UNIAO»  
F A R O

# CORREIO DO SUL

SEMANARIO REGIONALISTA

Director e editor: MARIO LYSTER FRANCO

## ALGARVE

«PORTUGAL não é um País pequeno», acentuava Afonso Lopes Vieira. Não é, porque Portugal está no Mundo todo, porque os seus territórios se espalham por mares e continentes e porque a sua alma por todo o Orbe existe. Mas a sede de onde Portugal partiu para a gesta ecuménica é sem dúvida um território reduzido. E apesar de isso tão diverso.

Antero de Figueiredo, o admirável colorista, que tão bem sabia descrever as paisagens das terras e das almas escreveu: «Portugal é um pano de tercipeio verde, broslado de oiro, mui antigo...». E vai assinalando as características de cada provincia. E: «O Algarve, coberto de amendoeiras, alfarrobeiras, piteiras e espartos, lá no fundo de Portugal, debruçado para além do mar de cobalto, sobre areais, é terra moira, ardente, palreira, comunicativa; e tão branco de cal que fere os olhos; e de azul ferrete tão luminoso e alto, que em semelhante cor de bênção a vista se alaga, se apazigua, se dilata; e, rezando, deliciada na doçura religiosa dessa tinta divina — rezando, ascende ao infinito.» (...) «O Algarve todo azul, com chapadas de cal, por entre o verde-negro das figueiras».

### De «A VOZ»

Nesta descrição à espátula, das «Jornadas de Portugal», marcadas estão as características gerais desta parte de Portugal, tão apegada ao conjunto da corografia lusitana e tão curiosa do que se passa além dos mares, nessas terras da moirama e nessas imensidões do Atlântico. Mais que nenhuma outra provincia o Algarve é dado às lídãs do mar: as pacíficas da pesca; as aventureiras dos descobrimentos; e as heróicas da conquista. Por algo o Infante Navegador se foi ali instalar para criar uma escola de nautas ousados e sabedores da arte de marear por todos os oceanos, para, as velas postas em seco lenho, circuirem o Orbe. No Algarve estivemos, mais uma

## Continuamos fiéis a nós próprios

DEU a Imprensa diária o relato inofensível do que teve de grandiosa a peregrinação do Sr. Almirante Américo Thomaz às provincias da Guiné e de Cabo Verde. Esperemos que a opinião pública mundial, tão mal informada, por vezes, do que se passa naquelas parcelas portuguesas africanas, atente desta vez no significativo acolhimento que as populações locais fizeram ao Chefe do Estado. E que compreenda a razão por que continuamos a negar aos estranhos uma lei que só a nós, a nós portugueses da Europa e da África, nos diz respeito.

homens e a nossa política de igualdade social.

E por isso que nos defendemos. E por isso, como acentuou o Pre-

### Por O. PERES

sidente da República, que «dentro dos seus princípios que presidem a nossa vida colectiva, não pode a determinação de a defender dos ataques vindos do exterior ser di-

4.ª PAGINA

Porque a verdade é que, se alguém está errado, não o somos nós. Nós apenas continuamos fiéis a nós próprios. E muito lucraria o mundo se seguisse o nosso exemplo de tolerância racial, a nossa maneira cristã de estar entre os

## Homenagem a João de Deus e Calouste Gulbenkian na Biblioteca Municipal

NO próximo dia 8 de Março, aniversário do nascimento do glorioso Poeta João de Deus, há muitos anos Patrono da Biblioteca Municipal de Faro, será reposto e solenemente descerrado o seu retrato numa das novas salas da mesma instituição. Na mesma oportunidade será também descerrado um retrato do benemérito Calouste Gulbenkian, Patrono da Biblioteca Fixa instalada pela respectiva Fundação, em dependência da Municipal. Por parte da Fundação assistirá ao acto o distinto escritor, ensaísta e crítico literário, sr. Dr. António Gabriel de Quadros Ferro, que fará uso da palavra numa sessão a realizar na sala nobre da Câmara.

## A propósito de um Monumento

# UMA PROMESSA que os louletanos não esqueceram mas ainda não foi cumprida

OSR. Eng.º Santos e Castro, que não temos a honra de conhecer pessoalmente mas cujo nome vem até nós abonado pelas melhores referências de um amigo comum, abordou, na última reunião pública da Câmara Municipal de Lisboa, de que é illustre vereador, um assunto que, por ter já sido num dos seus pormenores e por mais de uma vez tratado nestas colunas, não queremos deixar de assinalar com o devido interesse.

Falando dos pequenos monumentos e motivos decorativos de que ultimamente e com louvável profusão tem sido dotada a capital do País, salientou, com máguia, que, na glorificação de algumas grandes figuras nacionais, se tenham

afastado de Lisboa estátuas de verdadeiro significado histórico.

Citou a propósito a de D. João IV, que, posto só em Lisboa tenha sido rei, «por um patriótico movimento nascido no coração da capital, está recordado desde 1940 na magnífica estátua de Francisco Franco, levantada no austero terceiro do Paço dos Duques», em Vila Viçosa, e a do Marechal Gomes da Costa que em Lisboa tornou vitorioso o movimento arrancado em Braga, mas só nesta cidade viu immortalizado «o nome e a figura na linha estátua ali erguida há dois anos». E acrescentou: «Até a memória do Eng.º Duarte Pacheco, a que Lisboa tanto deve, e que presidiu ao seu Município, foi materializada por um monumento erigido em Loulé, certamente porque ali nasceu».

O desabafo é louvável e pertinente e é precisamente a propósito dele, em que está implícita a pergunta «Quando se ergue em Lisboa um grande Monumento ao Engenheiro Duarte Pacheco?» ainda no passado dia 25 de Janeiro formulada nestas colunas por um nosso dedicado colaborador, que queremos bordar algumas considerações.

Importa antes de mais recordar como os factos se processaram até ao levantamento da estátua de que

4.ª PAGINA

## Aspectos do Algarve antigo



FARO Está longe de alinhar com os aspectos quase seculares que temos publicado nesta secção e pode mesmo enfileirar entre os mais recentes, esta vista da antiga Estrada da Circunvalação que hoje oferecemos aos nossos leitores. Sucede até que, como fácil se torna verificar, é também dos que regista transformações mais fundamentais, diferenças mais desconcertantes.

Tirada da hoje chamada e completamente construída Rua do Dr. Cândido Guerreiro, muitos ainda decerto conheceram os desaparecidos eucaliptos. O renque de casas que se vê ao fundo, mantém-se quase na mesma mas está hoje completamente oculto deste lado, pelo casario e pelos arruamentos que se instalaram em todos os terrenos disponíveis e que derram ao local uma configuração e um aspecto completamente diferentes.

29 MAR. 1968  
DEP. LEQ.

## O aniversário do nascimento de João de Deus vai ser comemorado em São Bartolomeu de Messines

COMEMORANDO o 138.º aniversário do nascimento do glorioso Poeta João de Deus, vão realizar-se, no dia 8 do próximo mês de Março, em São Bartolomeu de Messines, várias solenidades e números festivos, com o seguinte programa:

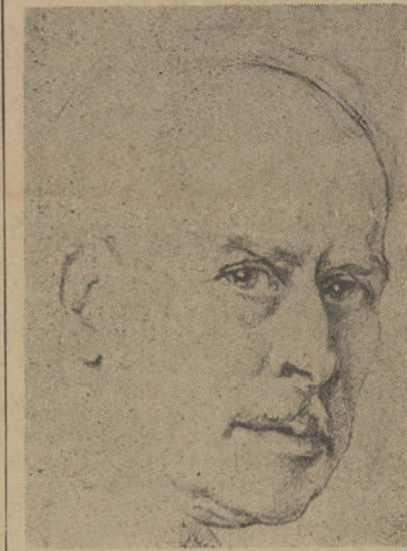
As 8 horas, alvorada; às 14,30, bodo às crianças das escolas na Cantina Escolar; às 15, concentração no Largo da Igreja; às 15,30, romagem ao Monumento a João de Deus, com passagem pelas casas em que o Poeta nasceu e viveu; às 17, sessão solene no Cine-Teatro de João de Deus, sob a presidência do sr. Governador Civil do Distrito e em que fará uso da palavra o sr. Dr. Joaquim Magalhães, cuja apresentação está a cargo do sr. Dr. Maurício Serafim Monteiro; às 20,30, jantar de confraternização.

## Transcrição

LUSTRADO com um belo aspecto de amendoeiras em flor, foi publicado, em «Jundos», do importante diário «A Voz», do passado dia 24 do corrente, e dele, com a devida vénia, o transcrevemos, o interessante artigo «ALGARVE», que em lugar de honra se publica.

## EPISTOLÁRIO (3)

# O Pintor Alberto Souza



## ESCREVE ao Dr. Ludovico de Menezes

e dá curiosos informes sobre a sua ascendência algarvia

ESTA carta é curiosíssima e tem, como é natural, uma pequena história que merece ser relatada.

A pedido do seu actual possuidor, que então não tinha ainda com o Pintor Alberto Souza relações que facilitassem o contacto, o saudoso, sempre prestável e dedicadíssimo Dr. Ludovico de Menezes inter-rogou o illustre Artista sobre a sua ascendência próxima algarvia. Dele recebeu a interessante resposta que vai ler-se. Dele constam elementos biográficos, de carácter regional, respeitantes a quem foi um dos maiores aquarelistas portugueses de todos os tempos.

Lx, 23 de Julho de 1932

Meu Ex.º Amigo e Snr. Dr. Ludovico de Menezes

AQUI estão os nomes dos meus antepassados até onde me foi possível apurar a origem algarvia!

Alberto Augusto de Souza ou abreviadamente Alberto Souza natural de Lisboa, nascido em 6 de Dezembro de 1880 na Rua de S. Filipe Nery freguesia de S. Mamede, onde fui baptizado, filho de:

Agostinho de Souza (Oliva) natural de Vila-Real de St.º António e de D. Lucia Gomes de Mendonça natural de Lisboa. Neto paterno de Pedro de Souza Oliva e de D. Feliciano Pessanha, ambos naturais de Vila Real de St.º António.

Bisneto paterno de Simão de Souza natural de Castro-Marim e de D. Josefa Oliva natural de (?) — Juigo também de Castro-Marim — e de José Pessanha e D. Izabel Pera, ambos de Vila Real de St.º António.

Neto materno de José Gomes de Mendonça natural de Ericeira e de D. Hedwiges Emilia Lassence Ramos natural de Lisboa.

Bisneto materno de Manuel Gomes Alfama e D. Maria Franco de Mendonça naturais da Ericeira e Francisco da Silva Ramos e D. Regina Emilia Lassence Ramos ambos de Lisboa.

Como vê toda a linha paterna é algarvia.

Meu Ex.º Amigo; disponha sempre de quem é com a maior consideração

Admirador e amigo muito obrigado

ALBERTO SOUZA

S./c. R. S. Bento 148, 3.º

Telef. 27522.

P. S. O meu trisavô materno chamava-se Carlos Lassence e segundo a certidão de casamento (freguesia da Lapa — Lisboa 1776) era filho de Alberto Lassence e de Maria Eleidy Loneen da freguesia (!) de Teixe, reino da Alemanha. Imagine que trapalhada; algarvios, lisboetas, ericeirenses e alemães!

A. Sousa



## DE LUTO

POR virtude do falecimento de seu sogro, o General Luis Valentim Deslandes, facto a que noutro lugar nos referimos, encontramos de luto os srs. Luis Augusto de Bivar Possolo de Azevedo, filho da nossa conterrânea, sr.ª D. Isabel Luisa de Bivar Possolo de Azevedo, e do sr. Eng.º José Augusto Salema Possolo de Azevedo, nosso estimado assinante em Lisboa, e neto do nosso prezado amigo, sr. Raúl de Bivar Weinholz, illustre Presidente da Junta Distrital, e José Pacheco Teixeira Gomes, nosso comprouviano, filho da sr.ª D. Maria Bárbara de Valladares Pacheco Teixeira Gomes e do sr. Dr. José de Mascarenhas Pacheco Teixeira Gomes, há anos falecido.

## ALMIRANTE SOUSA UVA

FOI superiormente determinado que o nosso illustre comprouviano, sr. Vice-Almirante Joaquim de Sousa Uva seja mantido na actividade de serviço por mais dois anos, como Presidente da Delegação Portuguesa à Comissão Mista Luso-Alemã e da Comissão Administrativa das Novas Instalações para as Forças Armadas.

## Da vida que passa

# COMANDANTE CORREIA DE BARROS

VITIMA de doença de que há tempo sofria e em que já não era licito prever outro desenlace, faleceu, no passado dia 21, o nosso illustre comprouviano sr. Capitão-de-Mar-e-Guerra Pedro Correia de Barros, official dos mais distintos da sua geração e, sobretudo, conhecedor profundo dos nossos problemas ultramarinos.

Nascido em Loulé, a 20 de Junho de 1911, o saudoso extinto frequentou o Liceu de Faro e assentou praça como aspirante de Marinha em 1 de Outubro de 1929, iniciando dessa forma uma carreira que havia de assinalar-se por numerosas distinções. Possuindo o Curso Superior Naval de Guerra e especializado em aviação, foi principalmente como administrador ultramarino que veio a afirmar-se brilhantemente, servindo em Cabo Verde, na Guiné e em Angola, exercendo o cargo de Presidente do Leal Senado de Macau, cujo Governo veio depois a assumir também, e os de Secretário Provincial e de Chefe de Gabinete do Governo-Geral de Moçambique, de que foi também distinto Governador-Geral desde Novembro de 1958 até 1962. A sua acção neste importante governo, assinalou-se por uma série de realizações de grande influência no desenvolvimento económico e social da mesma provincia, praticando uma política administrativa baseada em processos descentralizadores, que

4.ª PAGINA

# OLHÃO VAI PRESTAR HOMENAGEM À MEMÓRIA

## do Capitão João Carlos de Mendonça

CHEGA-NOS a agradável notícia de que a vizinha vila de Olhão se propõe concretizar a ideia em tempo aventada de prestar condigna homenagem à memória do saudoso Capitão João Carlos de Mendonça, que foi Presidente da respectiva Câmara Municipal e um dos mais dedicados servidores do seu concelho, fazendo colocar o seu busto numa praça pública. Nesse sentido sabemos que vai iniciar os seus estudos a «Comissão Pró-Monumentos» que, tendo quase concluídos os trabalhos para o levantamento do tão ambicionado monumento ao Patrão Joaquim Lopes, vai agora, muito louvavelmente, voltar os seus olhos para essa outra divida de gratidão que a simpática vila tem em aberto.

De facto, o saudoso Capitão João

Carlos de Mendonça, que, com elevado e firme sentido nacionalista, desempenhou também o cargo de Governador Civil do nosso Distrito, desenvolveu à frente do Município da sua terra natal a mais notável das actividades, dando inicio ao

4.ª PAGINA

## CASA DO ALGARVE VISITE

A EXPOSIÇÃO DE PRODUTOS DESTA PROVINCIA

## BILHETES DE VISITA

Fazem anos:

Em 1 de Março, a sr.<sup>a</sup> D. Teresa de Oliveira Primo, a menina Maria de Fátima Cruz Bento da Silva e os srs. Dr. José Correia do Nascimento, Francisco Luis Fialho Calado e Eng.<sup>o</sup> José Pereira de Resende do Nascimento.

Em 2, as sr.<sup>as</sup> D. Corina Taveira Sadler, D. Maria Rosalina Vivaldo Alves Mestre e D. Emília Leal Viegas e os srs. Eng.<sup>o</sup> Rogério de Campos Cansado, Eng.<sup>o</sup> -Agr. Rodrigo António Ascensão de Saude Lemos e Nuno Falção Ponce.

Em 3, a sr.<sup>a</sup> D. Augusta Lúcia Gonçalves Costa e os srs. Prof. Doutor Adelino da Palma Carlos, Augusto Sidónio e Gilberto Camilo Carvalho Santos.

Em 4, as sr.<sup>as</sup> D. Laura Alice Carapeto dos Santos, D. Isabel Luisa Viegas de Sousa Pereira Pinto da Silva e D. Ana Maria Carvalho Dias Putacho, a menina Isabel Maria Fernandes Lyster Franco e os srs. Manuel Gouveia Correia, João Manuel Mascarenhas e Daniel Fin, de Santana.

Em 5, as sr.<sup>as</sup> D. Clotilde Augusta Ortiz Carreira, D. Maria Luisa Aboim Inglês Barata e D. Maria da Conceição J. Simões Netto e os srs. Dr. Leonel Rosa Santos Agos-

tinho e Vitor Eusébio Andrade Carvalho.

Em 6, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Valentina Rebelo Neves Fonseca de Mendonça, D. Maria Feliciano Júdice Parreira da Costa, D. Maria Augusta Leonardo Lima e D. Mariana Marcelino e o sr. Francisco da Ascensão Rosado Pires.

Acompanhado de sua esposa, esteve em Lisboa o distinto médico-cirurgião, nosso estimado colaborador e prezado amigo, sr. Dr. António Henrique Balté.

De visita a sua sogra, a nossa assinante sr.<sup>a</sup> D. Maria Judite Aguedo Neto, esteve em Faro, acompanhado de sua esposa, o nosso estimado assinante e prezado amigo, sr. Coronel José Herdade Telhada.

De visita a sua família, tem estado em Faro o sr. Eng.<sup>o</sup> João Deodato Neto Caboz, digníssimo Director dos Portos do Norte e nosso estimado assinante em Viana-do-Castelo.

Com sua filha, esteve em Faro, de visita a seus pais, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Virginia Correia Tomé, distinta professora da Escola Industrial e Comercial de Setúbal e nossa assinante na mesma cidade.

No Hospital Ortopédico de Lisboa, foi submetida a uma intervenção cirúrgica que decorreu com muita felicidade, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Augusta Baião Cortez Pinto, mãe da sr.<sup>a</sup> D. Maria Adelaide Baião Pinto Vianna e sogra do distinto médico oftalmologista, nosso estimado colaborador e prezado amigo, sr. Dr. Arthur May Vianna. Fazemos sinceros votos pelo completo restabelecimento da enferma.

De visita a seus pais, encontram-se em Faro, acompanhada de sua filha, a sr.<sup>a</sup> D. Maria Helena Eusébio Sancho de Moura Pinheiro e, acompanhado de sua esposa e filho, o sr. Dr. Fernando Eusébio Sancho.

Encontra-se em Lisboa, acompanhado de sua esposa e de visita a sua filha, genro e netos, o sr. António Dias Pires, importante industrial e nosso estimado assinante e velho amigo.



### Inês de Jesus Carapucinha

#### AGRADECIMENTO

Sua família, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vem por esta forma agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à última morada ou de qualquer forma lhe manifestaram o seu desgosto pelo doloroso transe.

Faro, 22 de Fevereiro de 1968

## CIALBE

Comércio e Indústria de Alimentos e Bebidas, S. A. R. L.

### FARO

#### Assembleia Geral Ordinária

Nos termos do Art.<sup>o</sup> 17.<sup>o</sup> dos Estatutos desta Sociedade, convoco os Ex.<sup>mos</sup> Srs. Accionistas a reunirem-se em Assembleia Geral Ordinária na sede desta Sociedade, Rua Frei Lourenço de Santa Maria, n.<sup>o</sup> 6 - A, pelas 16 horas do próximo dia 22 de Março, com o seguinte objecto:

Apreciação, discussão e aprovação do relatório e contas do exercício findo em 31 de Dezembro de 1967 e do parecer do Conselho Fiscal.

Não havendo presença de número legal dos Srs. Accionistas ou por insuficiência da representação do capital para a constituição desta Assembleia, de acordo com o disposto no art.<sup>o</sup> 20.<sup>o</sup> dos Estatutos, a mesma funcionará no mesmo local, em 2.<sup>a</sup> convocação, que desde já se faz, para a mesma hora do próximo dia 31 de Março de 1968.

Faro, 22 de Fevereiro de 1968

O Presidente da Mesa da Assembleia Geral,  
António João Eusébio

## Necrologia

(Continuação da 4.<sup>a</sup> página)

tins dos Reis Mimoso, que saiu da Igreja Matriz de Portimão para o cemitério local, registou extraordinária concorrência e o «Correio do Sul» apresenta sentidos pésames a toda a família enlutada e em especial aos seus amigos srs. José Pereira Mimoso, Dr. Afonso Pinto Loureiro e Dr. Rogério Alvo.

Também faleceram:

EM FARO: A sr.<sup>a</sup> D. Maria Nunes do Poço, viúva, mãe das sr.<sup>as</sup> D. Emília Nunes Baltazar Joia e D. Gertrudes Nunes Baltazar Esteves, sogra dos srs. Augusto Joia e José Esteves e avó da menina Dina Maria Baltazar Joia.

As famílias enlutadas o «Correio do Sul» apresenta sentidos pésames.

«CORREIO DO SUL»  
N.<sup>o</sup> 2 594 — 29-2-1968

## Tribunal Judicial da Comarca de Faro

### ANÚNCIO

#### 2.<sup>a</sup> publicação

Por este Juízo e 2.<sup>a</sup> Secção, nos autos de Execução com Processo Sumário que o Banco do Algarve, Sociedade anónima de responsabilidade limitada, com sede em Faro, move contra FRANCISCO GUERREIRO ANASTÁCIO, casado, comerciante, residente em parte incerta e com último domicílio conhecido na Mexilhoeira Grande, comarca de Portimão, e outro, correm éditos de 30 dias, contados da 2.<sup>a</sup> e última publicação deste, citando o dito executado, para, no prazo de CINCO DIAS, findo o dos éditos, pagar à referida exequente a quantia de 22 893\$00 e bem assim os juros vencidos e vincendos à taxa anual de 6% a partir do vencimento da letra e demais despesas, ou, dentro do mesmo prazo, nomear bens à penhora suficientes para o mencionado pagamento, sob pena de, não o fazendo, se devolver esse direito à exequente, como tudo consta da petição inicial, cujo duplicado se encontra depositado na Secretaria deste Tribunal para ser entregue a quem de direito, quando solitado.

Faro, 12 de Fevereiro de 1968.

P.<sup>lo</sup> Escrivão de Direito,  
João Manuel Bonança Luisa  
Verifiquei

O Juiz de Direito,  
Alberto Carlos A. Ferreira  
da Silva

## VENDE-SE PROPRIEDADE

Próximo do Aeroporto de FARO, ao Patacão, frente para a estrada e com 12 hectares.

Resposta a este Jornal ao n.<sup>o</sup> 2001.

## FRANCÊS

Professora francesa dá explicações.

Resposta ao n.<sup>o</sup> 3003.

## Rosa de Brito Farrajota Rocheta

Seus filhos, noras e netos vêm, por este meio, agradecer, muito reconhecidos, a todas as pessoas que tiveram a bondade de os acompanhar no seu desgosto e a quem não o puderam fazer pessoalmente.

A matéria orgânica cada vez escasseia mais...  
e sem matéria orgânica a terra pouco produz...

## FERTOR

É um produto orgânico, extremamente concentrado, contendo milhões de microrganismos especiais essenciais ao aproveitamento dos adubos minerais pelas culturas

## FERTOR

não é só matéria orgânica, é HUMUS, é a verdadeira vida das terras e das culturas

Substitui com vantagem o bom estrume,  
fácilmente transportável.  
Armazena-se e espalha-se com facilidade  
Corrige a natureza do solo e aumenta  
a retenção para água

E é por tudo isto que o lavrador que já experimentou

DIZ

## FERTOR É FARTURA

AGENTES EM TODO O PAÍS

FABRICANTES

Sociedade Exportadora do Norte, S.A.R.L.

ERMEZINDE

Telefones 989.1451 / 2 / 3

Telex 02603 — SEN P

## Apontamentos para Memórias

(Continuação da 4.<sup>a</sup> página)

verdadeiro mar de rosas em toda a viagem. Do Cabo a Lourenço Marques não sofremos nenhuma tempestade, mas quando passámos a barra da Xefina (?) soube-me muito bem a mudança de ambiente marítimo. A impressão do porto e da cidade, se não se equiparou em absoluto à que receberamos no Cabo, foi também muito agradável, tanto mais que ao formalismo oficial, nada espantoso, se juntou uma atmosfera popular, que era, pelo menos, de simpática curiosidade. As questões políticas da Metrópole tinham tido eco bastante vivo em L. Marques, o Governador anterior fora demitido ou demitira-se um pouco bruscamente e os laurentinos, muito naturalmente, procuravam adivinhar com a vista os propósitos em que ia o seu novo Governador, que era um trunfo de valor na política metropolitana.

O palácio do Governo ou, melhor, a casa destinada a habitação do Governador era bastante modesta, mas a sua modéstia tinha razões históricas. Muito mais modesto era o pavilhão destinado aos dois ajudantes, onde nos instalámos, eu e o meu saudosíssimo colega e amigo, oficial de Marinha, José de Meirelles Garrido, cunhado do Governador, mas a modéstia não impedia que fosse cómodo e confortável. As condições materiais e a habilidade e desembara-

ço dos dois soldados indígenas que nos arranjaram para impedidos soberanamente fazer do pavilhão um hotelzinho admirável. Nunca lá demos por um mosquito, nem era preciso pedir nada quando nos arranjávamos; encontrávamos nos seus devidos lugares tudo aquilo de que precisávamos.

Na verdade, a vida burocrática ou representativa que passei em Lourenço Marques não tem qualquer interesse. Só valerá a pena, se valer, contar alguma coisa do que vi quando visitámos alguns centros de população e nas duas vezes que vivemos a vida das tropas que faziam a campanha contra os alemães, depois de declarada a guerra, em Março - 1916.

Naquele tempo o Governador Geral acumulava essas funções com as de Governador do Distrito de Lourenço Marques. Acompanhei-o sempre nas suas visitas e algumas tiveram interesse para mim, cuja atenção se prendia pouco nas particularidades burocráticas e administrativas.

Nessa qualidade visitou todas as circunscrições do distrito. Acompanhou-o também, além dos cunhados e de mim, sempre ou quase sempre, o Fialho, e lamento não poder juntar qualquer dos seus nomes antes do apelido, por não me lembrar.

O Fialho, ou seja, em linguagem de menos intimidade, o sr. Fialho, tinha o cargo de «almoxarife» ou, talvez melhor, chefe do Almoxarifado. Quase toda, senão toda, a compra e mais despesas com o material das repartições e do palácio eram dirigidas por ele, creio que do tempo de Mousinho de Albuquerque como Governador da Província. Vivia numa modestíssima casa e desloca-se numa modestíssima carruagem. Ninguém tinha a mais ligeira dúvida sobre a sua delicadeza de trato e honestidade de administração. Já morreu, com certeza, há muito tempo. Pode ser que seja exagero da minha parte, mas tenho, como índice da atmosfera criada pelo Governador Alvaro de Castro, a satisfação que o Fialho mostrava em aceitar os convites que lhe fazia o Governador para o acompanhar nas suas visitas ao distrito. Anos mais tarde veio à Metrópole e pude ver que a sua dedicação ao antigo Governador não era meramente de ordem burocrática, e muito menos política, porque o Fialho, a esse respeito, era surdo-mudo. O único aspecto da acção governamental sobre o qual o Fialho se permitia emitir opiniões era sobre o

cuidado que o pessoal encarregado da cozinha punha no trato da loiça ou dos metais.

Devo fazer ainda outra referência pessoal. A política metropolitana do Governo Pimenta de Castro traduzira-se em Moçambique pela acção governativa do general Machado, que tinha bastante prestígio na colónia pela sua acção anterior como engenheiro, mas que o deixara ofuscar, ao que percebi pelo que li e ouvi, pela acção política das pessoas que formavam o seu Gabinete. Fora Alvo, não de castigos, mas da antipatia governamental, um capitão de Cavalaria, Carlos Quaresma, que já se salientara na metrópole, como tenente, por ter sido ferido na luta contra as invasões monárquicas, em Vinhais. Carlos Quaresma recebera um dia guia de marcha para regressar à metrópole. Fora, portanto, marcado, não como oficial indisciplinado, mas como pessoa indesejável para a política local da época. Fora discípulo e era grande amigo pessoal de Alvaro de Castro e este em boa hora o escolhera para ser o novo Comissário de Polícia de Lourenço Marques. Ele e a Família foram conosco no «Moçambique» e fomos voltar. Recordo com reconhecimento e saudade as relações, que praticamente começaram a bordo e se prolongaram bastante tempo depois de desembarcarmos em Lisboa.

Todavia, o interesse do Governo de Moçambique, nesse tempo, não esteve no palácio nem nos gabinetes nem nas repartições. A vida burocrática ou representativa que passei em L. Marques, não vale a pena contá-la. Já havia guerra e, de facto, estávamos já metidos nela.

E. S.

## Estalagem

Arrenda-se ou vende-se.  
Nesta redacção se informa.

## PRÉDIOS

Vendem-se dois prédios de rendimento, em Faro, na Praceta do Coronel Pires Viegas. Trata Luis Gama Pinto, Rua de Ponta Delgada, n.<sup>o</sup> 72, r/c., Dt.<sup>o</sup> em Lisboa.

# BANCO BORGES & IRMÃO



## RELATÓRIO DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

**SENHORES ACCIONISTAS:**

A semelhança dos anos anteriores, julgou a vossa Administração oportuno fazer preceder as contas respeitantes ao exercício de 1967 e as considerações directamente relacionadas com as mesmas, constantes do presente relatório, de uma exposição, ainda que sucinta, das circunstâncias tidas por mais relevantes que se apresentaram no complexo de factos dominantes na vida internacional e na vida portuguesa durante o período correspondente às contas referidas.

Não se desanuviou, durante o ano de 1967, a tensão que há tantos anos afasta as nações de um equilíbrio político, à escala mundial. E à margem dos dois blocos de divisão já de algum modo tradicional, têm-se avolumado as incógnitas relativamente ao chamado "terceiro Mundo", cujas tendências, pela extrema dispersão, se torna impossível enquadrar em sistemas.

As populações acabaram por habituar-se a um ambiente de constante incerteza, como era inevitável. Mas essa habituação reflecte-se em quebra de ideais, na despreocupação pelo futuro, numa ansiosa procura de satisfações imediatas e, em consequência, no plano económico, em quebra de rendimento de trabalho e em aumentos de consumos frequentemente desproporcionados em relação aos acréscimos dos produtos nacionais.

A experiência tem demonstrado que, mesmo nos países altamente industrializados, não é indiferente que os aumentos de rendimento determinem predominantemente crescimentos de consumo ou de investimentos. E nos países menos industrializados, como é evidente, os acréscimos de consumo vão geralmente traduzir-se em maior dependência dos mercados estrangeiros, não para aquisição de bens de equipamento mas para aquisição de bens consumíveis.

Só num plano de pura abstracção — aliás de inequívoco interesse científico — será indiferente consumir ou poupar, do ponto de vista do desenvolvimento económico. No plano real da vida das nações, depois de garantida a satisfação das necessidades julgadas essenciais, o progresso depende necessariamente de sacrifícios de consumos, de aforros, que vão reflectir-se em investimentos. Ou por imposição colectiva ou por estímulos individuais, as nações têm de poupar para assegurarem o seu desenvolvimento económico. E o respeito da liberdade exige que se afaste a hipótese de imposição colectiva e, consequentemente, que se desenvolvam

os estímulos susceptíveis de orientar os indivíduos no sentido da realização de aforros. Entre esses estímulos destaca-se a estabilidade política, social e económica, sem a qual se torna difícil conseguir que os indivíduos renunciem espontaneamente a consumos que lhes dão satisfações imediatas na esperança de uma remuneração futura que a quebra de estabilidade torna altamente aleatória. Só a expectativa de remunerações futuras extremamente elevadas poderá contrariar os efeitos desfavoráveis da instabilidade sobre os aforros e investimentos.

Parece que este problema dos estímulos bastantes para a constituição de aforros deverá despertar, em futuro muito próximo, a atenção dos países que continuam a não querer confiar os investimentos a meios coercivos, próprios de economias socialistas.

Mais uma vez se desenhou no horizonte económico mundial a perspectiva de uma grande depressão económica, não tendo faltado até previsões sobre uma crise tão grave como aquela que teve origem no crack da bolsa de Nova Iorque, em Outubro de 1929. Perspectivas semelhantes se, têm apresentado, com alguma regularidade, desde 1945, logo após a segunda grande guerra; todavia, não apenas pelos meios de que dispõem na actualidade os Estados mas também pelos que estão ao alcance dos grupos económicos de grande projecção (grandes empresas, sindicatos, etc.) tem sido possível remover as ameaças depressivas, utilizando-se, nomeadamente, com êxito marcado, campanhas psicológicas que actuam sobre o espírito dos consumidores e dos produtores em sentido favorável a novos surtos expansionistas. Esses êxitos, porém, não devem excluir a maior atenção relativamente aos movimentos económicos de escala mundial que se desenharam no decurso de 1967 e que, segundo é de crer, se prolongarão pelo ano de 1968.

Os Estados Unidos, a Alemanha, a França, a Inglaterra, muitos outros países industriais, revelaram fortes retraimentos dos níveis de produção e de emprego. A fragilidade dos sistemas monetários foi posta em destaque pela desvalorização da libra, e pelas dúvidas que têm envolvido a continuidade do nível de cotações do dólar. O problema do regresso ao padrão-ouro, inseparável da salvaguarda dos verdadeiros direitos, segundo a tese neoliberal, encontrou oportunidade para ser novamente formulado, embora possa considerar-se pouco provável que o clima político torne possível aquele regresso. Entretanto, os grandiosos planos de integração plurinacional, de constituição de grandes espaços económicos,

tendem a ser reduzidos a mais minguadas proporções. As comunidades não podem constituir-se esquemáticamente, mas sim, e apenas, na base de interesses comuns sentidos profundamente pelos membros daquelas comunidades.

Também no decurso de 1967 se notaram algumas tendências para o regresso a políticas proteccionistas, que parece encontrarem nos Estados Unidos ambiente favorável. A acentuação-se dessas tendências, a liberalização do comércio internacional, largamente preconizada nos últimos anos, correspondem novamente a uma onda cíclica na evolução das tendências da política económica. Mas se é certo que os países de elevado nível industrial se podem permitir mudar de rumos em tal matéria, o mesmo não se verifica relativamente aos países que querem reparar esforços e sacrifícios.

Algumas reacções por parte do sector agrícola de alguns países se assinalaram em 1967, pondo em relevo a necessidade premente de revisão dos preços dos produtos agrícolas, que não têm acompanhado o nível geral dos preços, num período em que se tem agravado acentuadamente o custo de produção na agricultura.

O nosso país manteve a linha de continuidade da sua política, com os sacrifícios resultantes da escassez de recursos e das responsabilidades de nação com obrigações e interesses repartidos por diversos continentes. É compreensível que esses mesmos sacrifícios, reflectindo-se em despesas públicas de carácter excepcional e em privação de mão-de-obra, tenham fundas implicações na vida económica nacional, de resto afectada necessariamente também pelos movimentos externos já referidos.

A manutenção-se das tendências esboçadas em 1967 na economia mundial, é de admitir que o problema da emigração portuguesa tenha de ser revisto, por falta de absorção da mão-de-obra portuguesa nos países para onde se têm orientado ultimamente os nossos emigrantes. Também essas mesmas tendências poderão influir no ritmo de escoamento das nossas produções.

O condicionalismo da economia portuguesa tornou possível sustentar o valor do escudo, que não acompanhou a desvalorização da libra e de outras moedas. Assim se conseguiu não agravar a posição devedora em relação à zona do dólar, embora com algum sacrifício previsível de exportações.

Na continuidade de uma política de planeamento baseada no respeito da iniciativa privada, política já iniciada em 1935, com a Lei de Reconstituição Económica, foi aprovado pela Assembleia Nacional, no ano transacto, o III Plano de Fomento, para o período de 1968-73, o qual prevê se realizem nesse período investimentos do montante de 167 530 000 contos, correspondendo à Metrópole 123 050 000 e ao Ultramar 44 480 000. Deste III Plano de Fomento, há a esperar, não obstante os factores adversos, valiosa contribuição para o desenvolvimento económico do espaço português.

Para além das dificuldades que a agricultura atravessa em Portugal como noutros países, e se espera sejam consideradas com urgência e decisão pelas entidades responsáveis, tanto no sector público como no sector privado, para além de problemas de gravidade que atingem alguns sectores determinados, oferece particular relevo a situação das nossas indústrias em geral perante a evolução recente dos condicionamentos. Ameaças muitas delas por uma concorrência excessiva, interna e externa, talvez possa pôr-se em dúvida, relativamente a algumas das nossas indústrias, que ofereçam condições satisfatórias de sobrevivência se não lhes for concedida protecção e estímulos, nomeadamente de ordem fiscal. E tais meios abrangem mesmo empresas experimentadas, com largos serviços prestados à economia nacional.

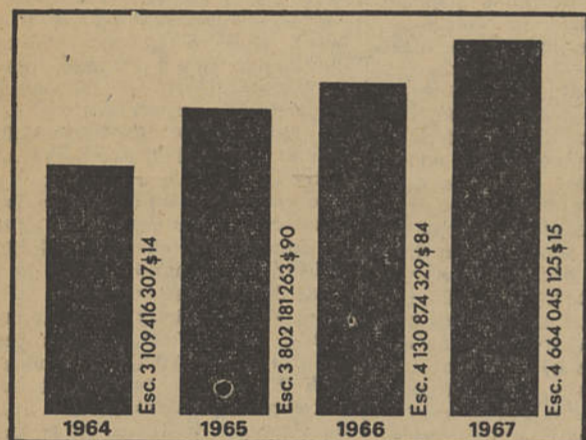
Não será de mais insistir no papel importante e insubstituível da Banca comercial no apoio a prestar às actividades económicas, particularmente em períodos complexos como os que se têm atravessado nos últimos tempos. Estamos certos que esse papel não deixará de ser reconhecido pela Nação.

Durante o ano de 1967 foram inauguradas as novas agências do vosso Banco em Coimbra, Covilhã e Mirandela.

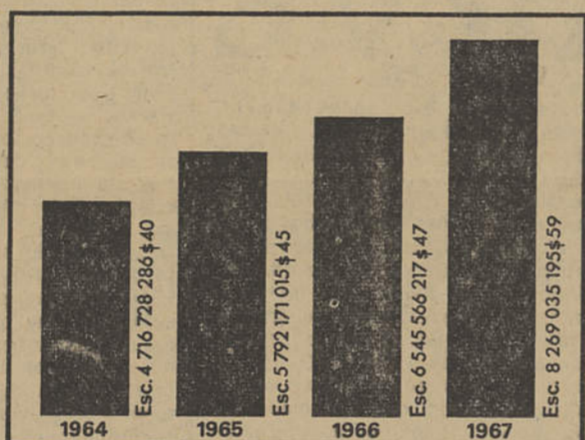
E, aguardando-se a construção do edifício-sede, a erigir no Porto, estão em curso, como é do conhecimento de V. Exas., obras de completa remodelação das instalações do Banco nesta mesma cidade.

A expansão do vosso Banco, em número de clientes como em número e volume de operações, põe claramente em relevo a necessidade de alargamento de instalações. Com efeito, apesar de todos os factores menos favoráveis do condicionalismo, foi possível a esta Administração, que para tanto se limitou a procurar cumprir, obter no ano de 1967 resultados cujo significado os números seguintes põem em destaque:

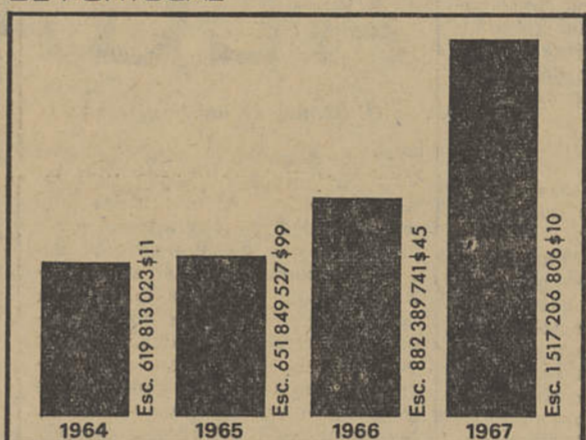
**CARTEIRA COMERCIAL**



**DEPÓSITOS**



**CAIXA E DEPÓSITO NO BANCO DE PORTUGAL**



E tais resultados obtiveram-se — cumpre salientá-lo — na escrupulosa observância das mais exigentes regras de leal concorrência, numa irremovível posição de ortodoxia bancária.

Os lucros líquidos totalizam Esc. 49 356 474\$83.

Para esta importância o Conselho de Administração propõe a distribuição seguinte:

Fundo de Reserva Legal	Esc. 34 000 000\$00
Cumprimento do n.º 2 do art.º 30.º dos Estatutos	Esc. 3 337 666\$65
Dividendo (cativo de imposto)	Esc. 9 000 000\$00
Acções antigas	Esc. 2 000 000\$00
Acções novas	Esc. 1 018 808\$18

É dever do Conselho de Administração, que tem muita satisfação em cumpri-lo, manifestar ao Exmo. Conselho Fiscal os protestos do seu muito elevado apreço pela forma, criteriosa e dedicada, com que tem acompanhado as actividades do Banco. Também é grato ao Conselho de Administração exprimir ao Pessoal o seu muito reconhecimento e a sua muita estima pelo zelo, dedicação e competência que tem demonstrado através da sua muito valiosa colaboração.

Porto, 9 de Janeiro de 1968.

**O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO**  
 Júlio Anahory da Queental Calheiros (Conde da Covilhã)  
 José da Silva Braga  
 Miguel Gentil Quina  
 Carlos Alberto Guimarães Lello  
 Miguel Rezende

### BALANÇO EM 31 DE DEZEMBRO DE 1967

ACTIVO		PASSIVO	
<b>DISPONÍVEL E REALIZÁVEL</b>		<b>EXIGÍVEL</b>	
Caixa e Depósitos no Banco de Portugal	1 517 206 806\$10	Depósitos à Ordem — Moeda Nacional	3 813 547 457\$94
Depósitos noutras Instituições de Crédito	231 493 985\$69	Depósitos à Ordem — Moeda Estrangeira	590 103\$75
Promissórias de Fomento Nacional	84 000 000\$00	Depósitos com Pré-Aviso — Moeda Nacional	965 269 387\$53
		Depósitos a Prazo — Moeda Nacional	3 489 628 246\$37
			8 269 035 195\$59
Correspondentes no Estrangeiro	360 277 826\$69	Cheques e Ordens a Pagar	150 253 663\$50
Ouro, Moedas e Notas Diversas	11 644 483\$20	Exigibilidades Diversas	3 176 732\$23
Carteira de Títulos e Cupões	193 319 569\$02	Correspondentes no País	1 258 999\$84
Carteira Comercial	4 664 045 125\$15	Correspondentes no Estrangeiro	3 298 181\$94
Letras sobre o Estrangeiro	2 038 024\$70	Empréstimos e Contas Correntes Cauccionadas	5 170 123\$34
Correspondentes no País	586 807 547\$71	Devedores e Credores	122 704 221\$58
Empréstimos e Contas Correntes Cauccionadas	683 576 078\$09		285 861 922\$43
Devedores e Credores	304 701 621\$70		8 554 897 118\$02
Empréstimos a mais de um ano	376 212 581\$30	<b>NAO EXIGÍVEL</b>	
Outros valores Realizáveis	5 626 907\$10	Contas Diversas e Provisões	3 264 844 732\$83
		<b>CAPITAL E RESERVAS</b>	
<b>IMOBILIZADO</b>		Capital	250 000 000\$00
Participações Financeiras	149 902 820\$00	Fundo de Reserva Legal	70 000 000\$00
Imóveis	102 528 885\$45	Outros Fundos de Reserva	130 000 000\$00
Amortização (a deduzir)	11 096 382\$94		450 000 000\$00
Imobilizações Diversas	43 056 032\$30		
		<b>RESULTADOS</b>	
<b>OUTRAS CONTAS DO ACTIVO</b>		Lucros e Perdas	
Contas Diversas	3 013 756 414\$42	Saldo do exercício anterior	1 675 522\$57
	12 319 098 325\$68	Resultados do exercício	47 680 952\$26
			12 319 098 325\$68
<b>CONTAS DE ORDEM</b>		<b>CONTAS DE ORDEM</b>	
Valores de Conta Alheia	3 999 650 535\$04	Credores por Valores de Conta Alheia	3 999 650 535\$04
Valores Recebidos em Caução	1 796 247 531\$94	Credores por Valores Recebidos em Caução	1 796 247 531\$94
Devedores por Garantias e Avals Prestados	1 666 437 661\$06	Garantias e Avals Prestados	1 666 437 661\$06
Devedores por Acções	443 280 513\$70	Acções	443 280 513\$70
Devedores por Créditos Abertos	531 301 583\$71	Créditos Abertos	531 301 583\$71
Outras Contas de Ordem	8 436 917 825\$45	Outras Contas de Ordem	428 090 071\$10
	428 090 071\$10		8 865 007 896\$55
			21 184 106 222\$23

O Chefe da Contabilidade  
 Arnaldo Albuquerque Pinto de Castilho

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

### CONTA DE LUCROS E PERDAS DO EXERCÍCIO DE 1967

DÉBITO		CRÉDITO	
Juros e comissões a nosso cargo	144 280 668\$34	Saldo do exercício anterior	1 675 522\$57
Contribuições e impostos	18 026 594\$40	Juros e comissões a nosso cargo	296 542 634\$06
Despesas com o pessoal	83 920 107\$79	Resultados em operações cambiais e sobre títulos	17 864 290\$35
Despesas gerais	19 954 353\$05	Rendimento de títulos de crédito	9 405 461\$32
Encargos diversos	1 784 004\$44	Outros rendimentos, receitas e lucros	7 059 383\$94
Provisões e amortizações	15 225 089\$39		330 871 769\$67
	283 190 817\$41		
Saldo	49 356 474\$83		
	332 547 292\$24		

O Chefe da Contabilidade  
 Arnaldo Albuquerque Pinto de Castilho

### PARECER DO CONSELHO FISCAL

**SENHORES ACCIONISTAS:**

Este Conselho Fiscal, no desempenho das suas funções legais e estatutárias, procedeu, no decurso do exercício de 1967, ao exame das contas e valores, verificando sempre a sua completa exactidão e a melhor ordem na marcha dos negócios sociais. É, pois, com pleno conhecimento do esforço realizado, criterioso, inteligente e dinâmico, de toda a extrema dedicação constantemente demonstrada pelo Conselho de Administração do Banco, que este Conselho Fiscal tem o prazer de manifestar o seu

completo e inteiro acordo ao Relatório, Balanço e Contas apresentadas em relação ao ano social de 1967.

Os resultados obtidos, no desenvolvimento de uma acção servida pelas altíssimas qualidades morais e intelectuais da prestigiosa Administração do Banco, merecem tanto mais ser sublinhadas quanto é certo terem-se apresentado desfavoráveis múltiplos aspectos da conjuntura económica, interna e externa.

A proposta da Administração respeitante à aplicação dos lucros líquidos do exercício de 1967 acha-se rigorosamente de harmonia com os

elementos contabilísticos, com a actividade desenvolvida, aliás ao melhor nível, e com a situação patrimonial desta Sociedade.

Assim, e de harmonia com o parecer favorável também já emitido, nesta mesma data, pelo Exmo. Conselho Geral do Banco, tem este Conselho Fiscal a honra de propor:

- 1.º — Que seja aprovado o Relatório, Balanço e Contas do exercício de 1967;
- 2.º — Que seja dado ao saldo da conta de Lucros e Perdas a aplicação proposta pelo Conselho de Administração;

3.º — Que seja louvado o Conselho de Administração pela notabilíssima acção desenvolvida.

Porto, 12 de Janeiro de 1968.

**O CONSELHO FISCAL**  
 Afonso Corrêa Leite  
 José Gualbert de Sá Carneiro  
 Manuel Pinto de Azevedo Júnior

# CORREIO DO SUL

## Apontamentos para Memórias

**E**u creio que, em Julho - 1914, ninguém que tivesse em bom estado os seus cinco sentidos, e mais o sentido necessário para pensar com acerto, imaginaria que os políticos responsáveis pelo governo das grandes Nações tivessem coragem para desencadear uma guerra, tão claro era que seria impossível limitá-la. Pois quem pensava assim enganou-se. Rebentou nos primeiros dias de Agosto a Primeira Grande Guerra e em menos de uma semana estavam em guerra a Áustria e a Alemanha, dum lado e, do outro, a Sérvia, a Rússia, a França e a Inglaterra.

Não vamos comentar a atitude política do Governo Português de Agosto - 1914. Referiremos que foram duas Forças Expedicionárias, uma para o Sul de Angola e outra para o Norte de Moçambique, com o objectivo de defender aquelas nossas províncias de qualquer arremetida agressiva dos vizinhos alemães, que podia admitir-se como lógica em face das declarações que fizera o Governo de se considerar obrigado a cumprir os compromissos que tomara nos seus tratados com o Governo da Inglaterra.

No Sul de Angola houvera um combate com os alemães em Nau-Hila e, depois, uma desenvolvida campanha contra os indígenas portugueses, revoltados, a qual terminara já, com a completa submissão dos revoltosos e a plena ocupação do território em que se dera a revolta. No Norte de Moçambique houvera incidentes locais, mas não se criara um estado de guerra. A Força Expedicionária, comandada por Massano de Amorim, mantivera os seus quartéis em Porto Amélia, bastanta a sul da fronteira alemã, guardada apenas por alguns postos, e era para Porto Amélia que ia a Expedição comandada pelo major Moura Mendes, nosso companheiro de viagem até L. Marques.

O «Moçambique», carregado de Tropa e com a carga suplementar do Governador Geral e a sua comitiva foi, numa tirada, de Lisboa a Luanda. Mal vimos, bastante longe, as Canárias, mas vimos e ouvimos, também de longe, felizmente, uma colossal tempestade sobre a Serra Leoa.

A Luanda de 1915 era muito diferente da actual, pelo que olho e pelo que vejo nas fotografias. Os navios não se aproximavam da cidade e o «Moçambique» atracou a um cais, dentro da baía, mas muito longe da área urbanizada, para receber a indispensável ração de carvão. É claro que para mim e para muitos dos passageiros teve especial interesse aquele primeiro contacto visual com as terras africanas, mas será fácil imaginar a minha surpresa e alegria quando distingui em ar de quem dirige o trabalho da população indígena, dois meus antigos condiscipulos do Liceu de Faro, o Augusto Bolotinha e o João Biker.

### Cinema de Santo António

**HOJE**, 5.000 dólares vivo ou morto, com Tony Joung e Dan Dureya e Uma Rapariga chamada Tamiko, com Laurence Hersey e France Nuyen, ambos coloridos, 17 anos.

Sexta-feira, Rififi em Paris, colorido, com Jean Gabin, George Raft, Mireille Darc, etc. e Ernesto e os Gangsters, 17 anos.

Sábado, de tarde e à noite, Rancho Bravo, colorido, com James Stewart, Maureen O'Hara e Uma encantadora Idiota, com Brigitte Bardot e Anthony Perkins, 12 anos.

Domingo, de tarde e à noite, Cortina Rasgada, colorido, com Paul Newman e Julie Andrews, 17 anos.

Terça-feira, Espião de uniforme, com Frank Latimore e Paola Falchi e Vingança e Glória, com Gregory Peck e Barbara Payton, 12 anos.

Quarta-feira, O Incompreendido, colorido, com Anthony Quayle, Gloria Moid, Graziella Granata, etc., 12 anos.

### Aos Senhores Automobilistas

**PRONTO SOCORRO**

Para reboque de veículos ligeiros ou pesados aluga a

**EMPRESA DE VIAÇÃO ALGARVE, LDA.**

Divisão Oficinas — Telf. 23022

**F A R O**

Era Governador Interino de Angola Ultra Machado. Mandou logo um rebocador para levar para terra, como seus hóspedes durante a permanência do «Moçambique» naquelas paragens, o Governador

### Por E. S.

Geral de Moçambique e a sua Família, que se sabia acompanhá-lo. Compreendeu-se que eu não era incluído, o que achei ótimo. Estreei a minha indumentária paisana e fui para terra com os meus condiscipulos e um ou dois amigos que me mostraram a cidade e me deram de jantar num hotel. Através de um conhecido a mesa africana em matéria de fruta, porque me fartei de comer papáia, mas não me chegou a coragem para experimentar o piri-piri.

Infelizmente, a minha primeira experiência das regiões africanas não foi só em termos de me causar alegria e reconhecimento. Depois do jantar e de algum tempo na esplanada dum café, ou coisa parecida, os meus amabilíssimos companheiros quiseram ter a gentileza de me acompanhar a bordo. Já não eram horas de fazer a viagem de regresso em rebocador. Contratou-se um bote a remos. O aroma das árvores, a serenidade da atmosfera e a luz do luar fizeram-me ver a África em termos exageradamente turísticos. A humidade do bote e a indolência do remador não me desfizeram logo essa impressão, mas no meio da longa baía e da demorada viagem, as impressões mudaram. Durante minutos, talvez poucos, mas que eu achei muito demorados, desabou sobre nós uma valentíssima carga de água. Como? Não sei nem procurei saber. Toda a minha atenção se concentrou em procurar compreender porque era que o remador, quase nã, continuava remando com uma flegma absoluta, como se estivesse passeando meninos no lago do Campo Grande. É claro que a razão estava do lado dele.

Considerei-me perfeitamente informado sobre Luanda e na manhã seguinte dispus-me a gosar do relativo sossego que se podia disfrutar a bordo do navio, lendo um livro ou acamaradando com alguns parceiros numa partida de «bridge». Não correram as coisas com esse jeito. O Governador soube que a comitiva do dr. Alvaro de Castro metia mais um número e mandou um rebocador para me levar para Luanda, a almoçar no palácio. Não posso deixar de dizer que ao fardar-me e ao ir para terra no rebocador o meu estado de espírito não era de absoluto entusiasmo, mas também não posso deixar de dizer que, quando voltei, predominava em mim um sentimento mais calmo, gerado em grande parte pela atmosfera de delicadeza e total ausência de majestade governamental que tinha encontrado. A viagem continuou nessa mesma tarde.

Fomos de Luanda directamente à Cidade do Cabo e creio que foi por essas alturas que eu vi, muito ao longe, um vulto que me disseram ser duma baleia. No Cabo estivemos apenas algumas horas, as necessárias para receber mantimentos, mas o nosso Cônsul, filho do Dr. Manuel Arriaga, conseguiu licença para, num rápido passeio de automóvel, nos dar ideia do encanto daquela região africana.

O Atlântico fora para nós um

2.ª PAGINA

### Farmácias de serviço

de 29 de Fev. a 6 de Março

HOJE — QUINTA — Higiene.  
SEXTA — Dr. Graça Mira.  
SÁBADO — Pereira Gago.  
DOMINGO — Pontes Sequeira.  
SEGUNDA — Baptista.  
TERÇA — Oliveira Bomba.  
QUARTA — Alexandre.

### O «CORREIO DO SUL»

vende-se em Lisboa na Tabac. Mónaco — Rossio

### A propósito de um Monumento

## UMA PROMESSA QUE OS LOULETANOS NÃO ESQUECERAM MAS AINDA NÃO FOI CUMPRIDA

(Continuação da 1.ª página)

Loulé muito legitimamente se orgulha.

Quando, na trágica madrugada de 16 de Novembro de 1943, todo o País se vestiu de luto, pela morte do grande Ministro das Obras Públicas, ocorreu poucas horas depois do desastre da estrada de Vendas Novas, profundo foi o desgosto sentido no Algarve e, sobretudo, em Loulé, a terra que lhe fôra berço e de todos os seus familiares, onde com seus pais vivera até que as andanças da vida o levaram para a capital. Não, portanto, como tantas vezes acontece, uma terra em que se nasce por acaso e a que mais tarde, pela vida fora, se liga apenas uma vaga recordação sentimental. Não. Duarte Pacheco era de Loulé, como dali eram, foram e são todos os seus familiares. Ali nascera e, posto que baptizado em Faro, ali se criara, ali aprendera as primeiras letras, ali passara todas as férias dos cursos liceal e superior e só lá não vivia e não veio a morrer, por que Deus lhe deu aquela inteligência privilegiada e aquelas qualidades de trabalho que lhe permitiram maiores vãos e são afinal a gênese da conversa que aqui neste momento se mantém.

Larga representação louletana

Beba O MELHOR SEM RIVAL SOFRUTOS

## ALGARVE

(Continuação da 1.ª página)

vez, por amável convite da «Salvor», a empresa proprietária do novo hotel, o «Alvor-Praia», um dos grandes e magníficos novos hotéis de que o Algarve está dotado. Encontrámos as amendoieiras em flor, uma das maravilhas da Natureza. Estavam elas postadas à beira das estradas, sorrindo — rosadas e brancas ou coradas de ambaraço ou inocentes de pureza — aos turistas enlevados. São bem as inspiradoras daquela floreação de poetas que é o Algarve de João de Deus, de Júlio Dantas, de Bernardo Passos, de João Lúcio, de Emiliano Costa, de Cândido Guerreiro e de tantos outros. Mas, a intercaram-se nas amendoieiras, havia as figueiras, ainda totalmente despidas de folhagem, esgrouvinhadas, retorcidas, erguendo para o céu os ramos nus e escálidos, como numa imprecação ou a irando-os a rastejar sobre o solo num desespero sem alívio. A árvore de Judas que a frutificação preciosa redimirá. O contraste era flagrante.

O Algarve é, de resto, uma terra de contrastes e os seus rochedos e pedaços de costa que o mar vai correndo e destacando e esburacando em cavernas misteriosas e em arcos fantásticos, são monstros paleontológicos a nadar no azul perpétuo do mar. Constituem uma característica geológica única, bem diversa das costas graníticas do Norte, que o mar consegue desagregar, mas não esboçar.

O «Alvor-Praia» está convizinho do mar e dessas feições geográficas da costa algarvia. Tem o hotel, em todo o sentido magnífico (já neste jornal se descreveu como foi imaginado e realizado) todas as comodidades que pode proporcionar, para se viver nas suas magníficas instalações e para se fruir a convivência com o mar oceano, a desfazer-se em espuma nos areais e nas rochas. Apontamos uma falta: não tem — e bem poderia ter — uma pequena capela, a fim de os hóspedes poderem cumprir o preceito dominical. No domingo que lá passámos tiveram os convidados de ir à missa a Portimão, em autocarros que o hotel amavelmente pôs à sua disposição. Cremos que todos os hotéis de luxo, de que o Algarve tem sido provido, padecem da mesma falta, que facilmente se poderá remediar.

Está pois o Algarve rico de magníficos hotéis, dos melhores e mais cómodos do Mundo, está dotado dos meios de ser uma grande região de turismo cosmopolita.

se deslocou a Lisboa, para apresentar pêsames à família e acompanhar o funeral, levando à frente a Câmara Municipal, a que então presidia o nosso saudoso amigo José da Costa Guerreiro, com o encargo de exteriorizar o desejo de todos os seus conterrâneos, no sentido de que os restos mortais do malogrado homem público viessem para o cemitério da terra que lhe fôra berço, onde tinha jazigo de família mas onde, à escala municipal ou regional, lhe seria dada condigna tumulização.

A satisfação deste desejo se opuseram a Câmara Municipal de Lisboa e o próprio Governo, com a promessa solene de que em Loulé lhe seria erguido um monumento que exteriorizasse a gratidão do País inteiro, como de facto aconteceu, e que a capital lhe reservava maior e mais altisonante consagração, construindo-lhe um túmulo monumental no Parque Florestal de Monsanto, que à sua iniciativa e ao seu esforço exclusivamente se ficara devendo.

Desta forma, os restos mortais do grande Ministro deram entrada, segundo supomos, num jazigo municipal dedicado aos Beneméritos de Lisboa (?) e nele permanecem sem que, além do nome no Viaduto e numa Avenida, a capital do País outra coisa tivesse feito para perpetuar-lhe o nome, a figura e a memória.

A referência do sr. Eng.º Santos e Castro teve por tudo isto a mais absoluta razão de ser e como algarvios lha agradecemos.

E teve também a flagrante oportunidade de recordar uma promessa que os louletanos não esqueceram, mas ainda não foi cumprida.

Falta acabar este apetrechamento tratando rapidamente da construção de estradas que facilitem rápidas comunicações e de meios de distração fora dos hotéis, para que os hóspedes não venham para o «Alvor» ou para o «Algarve» e tenham de ficar ali como que prisioneiros por não terem meios de transporte ou estradas de tragado e piso turísticos a fim de espalhar sem incomodidade. Os hotéis trataram dos acessos vizinhos de edifícios e suas dependências, mas não podem, nem lhes compete, fazer a rede de rodovias modernas, que são agora mais que nunca uma das necessidades urgentes da província. Será isso acção a emprender pelas instâncias oficiais — os Municípios e o Estado.

Sem isso, o esforço enorme, que foi a construção dos hotéis grandiosos construídos no Algarve se fraudaria. Mas, bem certos estamos de que tal não sucederá.

### Da vida que passa

## COMANDANTE CORREIA DE BARROS

(Continuação da 1.ª página)

tiveram uma eficiente repercussão nos vários escalões da máquina burocrática de toda a região.

Melhor, no entanto, do que todas as palavras que aqui lhe pudéssemos consagrar, falam as eloquentes expressões com que, ao seu passamento, se referiu na Assembleia Nacional o ilustre Deputado Gonçalo de Mesquita, cuja ascendência algarvia não queremos deixar de referir e que, depois de afirmar ter conhecido no Comandante Correia de Barros, um dos homens de mais carácter com quem tinha contactado em toda a sua vida, disse: «Foi uma vida inteira dedicada a Portugal e aos portugueses. A sua morte faz com que a Pátria perca um leal servidor, com que as Forças Armadas percam um distintíssimo oficial e com que o Ultramar perca um servidor acima da média. Acima disso, aos homens bons deste País a sua perda causa o desaparecimento de um dos melhores».

O sr. Comandante Pedro Correia de Barros era presentemente vogal do Conselho Ultramarino.

Filho da sr.ª D. Joaquina Correia Dourado de Barros e do sr. Miguel Correia de Barros, deixa viúva a sr.ª D. Maria Fortunata Madeira Correia de Barros e era pai do sr. José Pedro Fortunato Correia de Barros, pessoas a quem o «Correio do Sul» apresenta a expressão das suas condolências.

## FOI OFICIALMENTE INAUGURADO o Hotel de Dona Filipa no sítio do Vale do Lobo FREGUESIA DE ALMANSIL

**J**a por mais de uma vez nestas colunas nos temos referido ao magnífico Hotel que capitais ingleses fizeram construir num dos mais aprazíveis recantos da costa do Algarve e a que deram o nome de Dona Filipa, recordando dessa forma a illustre vergôntea da Casa de Lencastre que foi Rainha de Portugal e gênese da «inclita geração de altos infantes».

Desde há tempo praticamente concluído, a inauguração oficial da excelente unidade-hoteleira; que se situa, como todos sabem, no sítio de Vale do Lobo, da freguesia de Almancil, concelho de Loulé, e, portanto, a escassos quilómetros da capital algarvia, realizou-se no passado dia 20, com a solenidade habitual. Ela nos permitiu visitar mais uma vez o novo hotel de luxo, com que o Algarve acaba de ser dotado, apreciar o excelente sentido decorativo que presidiu a todas as suas ornamentações e que fazem dele um recinto de verdadeira comodidade e prazer. Dispondo de 130 quartos e suites, com acomodações para 265 hóspedes e todo o conforto hoje exigido para um serviço de carácter internacional, as suas salas de conferências, de estar e de convívio, os seus am-

plos terraços, abertos sobre uma soberba localização, as suas piscinas e, de uma forma geral, todo o ambiente que nele se respira, impressiona muito agradavelmente o turista mais exigente.

Saliente-se que o Hotel de Dona Filipa, que constitui a primeira unidade de um complexo turístico que se propõe aproveitar ao máximo toda uma vasta área de terreno, povoada de pinheiros e sobranceira a um conjunto de praias abertas, na falésia, dispõe ainda de campos de tenis e, sobretudo, de um excelente campo de golfe, que só por si o recomendará ao turismo de grande classe.

Ao acto inaugural esteve presente S. Ex.ª Rev.ª o Senhor D. Júlio Tavares Rebimbas, venerando Bispo da Diocese, que procedeu à bênção ritual de todo o edifício. Seguiu-se uma pequena sessão solene em que o sr. Timothy Miller, administrador da Empresa proprietária do Dona Filipa, saudou em português todos os presentes, pondo em relevo o contributo que a mesma estava dando para o desenvolvimento turístico do Algarve, cujas qualidades enalteceu, e em que o sr. Coronel Joaquim dos Santos Gomes, Governador Civil substituto, que à mesma presença, pronunciou também algumas palavras de congratulação, de louvor e de agradecimento. Foi depois servido um «cocktail» a todos os presentes.

## Continuamos fiéis a nós próprios

(Continuação da 1.ª página)

ferente. Trata-se de um pedaço do mesmo corpo, que, para continuar perfeito, terá de manter-se inteiro. Encontro a Guiné ainda em guerra — disse, ainda, o Chefe do Estado — que a determinação firme de um certo mundo e o desvaler de outro demeritaram e continuam alimentando. E, porém, bem triste e lamentável que um dos povos que mais amante da paz se tem mostrado ao longo da sua história de muitos séculos tenha de suportar uma guerra que não deseja, mas a que não foge, não apenas na defesa própria, mas em defesa da civilização ocidental e cristã que a outros competia pelo menos tanto como a nós preservar e defender, das arremetidas impiedosas dos inféus do século XX. Só temos a consolação de que continuamos fiéis a nós próprios e de que não fazemos guerra seja a quem for. Apenas nos defendemos, e com todo o poder de que dispomos, da guerra que nos movem e não o fazer seria pactuar com o abandono geral em que o mundo ocidental está caindo, espécie de cobardia suicida que para nós continua tendo o significado de uma autêntica traição. A presença do Chefe do Estado aqui, tal como sucedeu em Angola, em Moçambique e em S. Tomé e Príncipe, além de representar a visita colectiva de todos os Portugueses a uma parcela querida de Portugal, significa a manutenção, na sua pureza, dos mesmos sagrados princípios e a determinação firme de os defender com toda a vibração de que é capaz a alma lusã.

Sim. Oxalá o mundo saiba interpretar com lucidez a lição, magnífica de significado, que foi a viagem do Presidente Américo Thomaz à Guiné e a Cabo Verde. Por nós, continuaremos fiéis a nós próprios.

O. Peres

## Olhão

(Continuação da 1.ª página)

surto de desenvolvimento e de progresso que na mesma vila se tem verificado desta a sua gerência camarária. Desenvolveu-se esta desde 1923 até 1935 e a obra levada a efeito, sobretudo nos domínios da higiene pública e do embelezamento, foi então verdadeiramente revolucionária.

O seu busto colocado numa praça pública constitui uma homenagem que honra tanto quem a recebe como quem a pratica, pois que só quem demonstra saber ser agradecido é digno do apreço e da consideração do seu semelhante.

Falecido em 1938, o Capitão João Carlos de Mendonça é ainda hoje recordado com saudade por todos aqueles que tiveram a felicidade de conhecer as suas qualidades de trabalho e os seus dotes de coração, de inteligência e de carácter.

## NECROLOGIA

GENERAL LUIS VALENTIM DESLANDES

No Pavilhão da Família Militar do Hospital Militar da Estrela, faleceu, no passado dia 21, o sr. General Luís Valentim Deslandes, que, tendo desempenhado missões de grande relevo e responsabilidade, exercia presentemente o cargo de director do Colégio Militar. Oficial muito distinto, pertencia à arma de Cavalaria e prestou serviço em várias unidades, tendo desempenhado, entre muitas outras, as funções de chefe do Gabinete Militar do Comando-Chefe de Angola, de 2.º Comandante da 1.ª Região Militar, de 2.º Comandante-Geral da G. N. R. e de professor do Curso de Altos Comandos do I. A. E. M., Desempenhou também o cargo de representante militar de Portugal junto da S. H. A. P. E. e fez vários cursos no estrangeiro, entre os quais o Armored Officer Advanced Course, nos Estados Unidos, o de Comandantes de Carros M-47, na Alemanha, e o 11.º do Colégio de Defesa da N. A. T. O., em Paris. Possuia numerosos e expressivos louvores e valiosas condecorações nacionais e estrangeiras.

Grande amigo e admirador do Algarve, sobretudo da Praia da Rocha, onde passava frequentes temporadas, o saudoso extinto deixou viúva a sr.ª Clélia Rosário Deslandes e era pai das sr.ªs D. Maria da Graça Deslandes Teixeira Gomes e D. Maria Luísa Deslandes de Bivar de Azevedo; sogro dos sr.ªs José Pacheco Teixeira Gomes e Luís Augusto de Bivar de Possolo de Azevedo; avô das senhoras Maria da Graça e Maria Isabel Deslandes Teixeira Gomes e dos meninos José Luís Deslandes Teixeira Gomes e Vasco Frederico e Luís Filipe Deslandes Bivar de Azevedo; irmão dos sr.ªs General Venâncio Augusto Deslandes, Coronel Manuel Deslandes e Alberto Deslandes e cunhado do sr. General Júlio Botelho Moniz.

A toda a família enlutada apresenta o «Correio do Sul» a expressão das suas condolências.

D. MARIA MARTINS DOS REIS MIMOSO

Na sua casa da Praia da Rocha, faleceu, no passado dia 20, a sr.ª D. Maria Martins dos Reis Mimoso, esposa do antigo industrial, nosso estimado assinante e prezado amigo, sr. José Pereira Mimoso, cujo natural desgosto profundamente sentimos. Muito conhecida e geralmente estimada, a saudosa extinta contava 76 anos e nasceu em Portimão. Era mãe das sr.ªs D. Maria Ana Mimoso Loureiro e D. Ana Maria Mimoso Alvo e dos sr.ªs António José dos Reis Mimoso e Manuel José dos Reis Mimoso e sogro da sr.ª D. Maria Eduarda Mimoso e dos também nossos prezados amigos e estimados assinantes, sr.ªs Dr. Afonso Pinto Loureiro, digníssimo Chefe da Secretaria dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal de Portimão, e Dr. Rogério Alvo, distinto médico-oftalmologista e antigo Presidente da mesma Câmara.

O funeral da sr.ª D. Maria Martins dos Reis Mimoso terá lugar no dia 29, às 10 horas, na Igreja de São João, em Portimão.

2.ª PAGINA